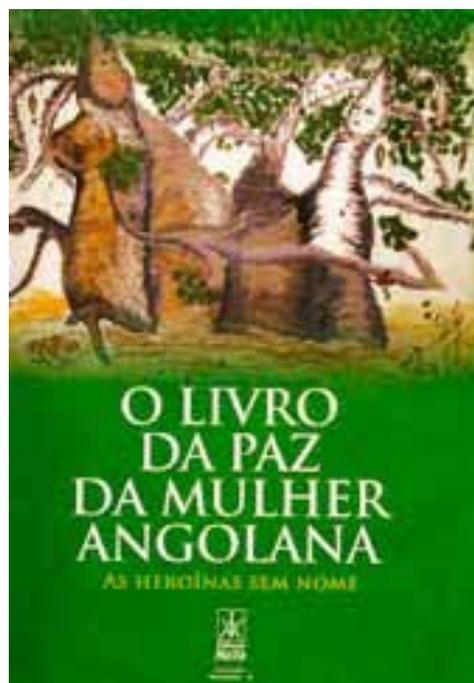


O Livro da Paz da mulher angolana, as heroínas sem nome

Heroínas sem nome

Angola é um país cortado em dois, para usar uma expressão de Frantz Fanon. A geografia social que se desenhou no pós-guerra separa e hierarquiza dois mundos diferentes. A fractura passa por uma realidade económica e social que mantém a maior parte da população na base da pirâmide social.

MARGARIDA PAREDES



É UM LIVRO DE MEMÓRIAS, organizado pela angolana Dya Kasembe e a moçambicana Paulina Chiziane, ambas escritoras, e reúne em volume pequenas narrativas de mulheres angolanas que sobreviveram à guerra para contar as suas histórias. Resultado de um trabalho multidisciplinar de uma equipa de dezoito pessoas, as entrevistas foram efectuadas em seis províncias do país, Bié, Cabinda, Huíla, Kwanza Sul, Luanda e Malanje durante um ano e daí resultaram oitenta narrativas que dão voz a mulheres que pertenciam aos dois lados da guerra civil, sem identificar o lado da guerra ao qual as memórias pertencem.

No processo de recolha destas biografias as entrevistadoras foram surpreendidas pelo facto de as entrevistadas falarem sobretudo da guerra quando o intuito do livro era falarem da paz. A ideia surgiu após a realização da Conferência Internacional «Mulher e Participação Política e Pública» em Outubro de 2006, em Luanda, quan-

do as mulheres angolanas manifestaram a sua insatisfação pelo limitado reconhecimento da participação das mulheres nos vários processos de paz. A iniciativa e financiamento do projecto foram assegurados pela APN, Ajuda Popular da Noruega, ONG responsável pela desminagem de uma parte do território angolano.

Esta equipa desenvolveu uma metodologia que Helena Zefanias, da APN, identifica como os textos terem sido trabalhados individualmente «com cada uma das co-autoras, na qualidade das histórias e nas técnicas de entrevista», o que indica que as narrativas foram co-construídas pelas entrevistadas e pelas entrevistadoras. Uma equipa heterogénea que incluiu escritoras, professoras, jornalistas, artistas plásticas, empresárias, activistas dos direitos humanos e políticos desenvolveu este projecto no intuito de contribuir para a construção da Paz em Angola. A manipulação ideológica foi feita para apresentar versões conciliadoras de memórias em conflito sem cul-

pabilizações e vitimizações deste ou daquele lado da guerra. Este projecto é nobre e inscreve na memória colectiva e na história de Angola, *Heroínas sem Nome*, estes actores periféricos cujas experiências de vida são quase sempre silenciadas pelo discurso dominante da História. Não sem resistência como testemunham as palavras de uma guerrilheira que reconhece a sua contribuição no processo da construção da nação «Eu entrei na mata quando era menina. Cresci. A força que eu ganhei ninguém a derruba. Eu participei na história. Eu fiz a história, agora, pertenço à história!»

Livro de muitas leituras

Sem banalizar a experiência da guerra, o livro permite muitas leituras. Cada uma das entrevistadas contribui com uma história pessoal, única. Histórias que têm de ser lidas nas entrelinhas dos não-ditos. São várias as que estão carregadas de sofrimento: «Sou filha da guerra. Nasci no capim. Aqui me

chamam Cangila, nome que dão a todos os que nascem no caminho ou no céu coberto de pólvora. Meu pai morreu na tropa e depois a minha mãe [...] Fiquei órfã. A outra coisa que me dói é a mina que me tirou a perna. Mulher mutilada parece que perde nome de mulher, fica só a mutilada».

Não foram só as minas a serem utilizadas como armas de guerra, o sequestro, o estupro também foram utilizados como armas de humilhação e inferiorização: «Naquele tempo os mais velhos andavam a apanhar raparigas de 10 até aos 20 anos para carregar armamento e servir a eles como mulher», conta uma das entrevistadas que não quer mais recordar o tempo em que punham as meninas numa fila e as obrigavam a cantar «Vamos ou não vamos? Vamos. Caminha ou não caminha? Caminha. Se sair fora da fila, apanha porrete ou não apanha? Apanha».

Outras histórias, pelo contrário, revelam como algumas mulheres superaram a dor, «um dia fui raptada e levada para as matas. Aí ameí outro homem, que me deu outro filho. Eu sofria ao pensar nos filhos que tinha deixado do outro lado. Por causa dessa dor eu cantava baixinho e a mágoa desaparecia. As pessoas começaram então a pedir-me: canta. Canta! Nesse ambiente eu descobri o poder da minha voz. Posso até dizer que foi a guerra que me fez cantor».

Este livro está cheio de soluções criativas para resistir e sobreviver à guerra, histórias de mulheres emancipadas, «chamam-me Maria tudo só porque consegui defender os meus direitos» e ir contra a tradição que permitia que os bens das viúvas fossem saqueados pela família do marido, conta uma delas. Outra, casada com um homem muito mais velho resolveu arranjar um segundo marido mais novo, protegendo sempre o mais velho – «Vivi assim, debaixo do mesmo tecto, com dois maridos». Num mercado sentimental que penaliza as mu-

lheres mais velhas, viúvas de guerra ou abandonadas, há quem tenha casado com um homem mais novo porque «só os jovens é que estavam livres e eu queria um homem só para mim».

A leitura destas narrativas coloca as mulheres em dois lugares tradicionais nas guerras. Como “vítimas” passivas ou como activas “heroínas da resistência”. Os sentimentos e emoções dos leitores são apanhados facilmente na dicotomia desta armadilha. Solidarizam-se com o sofrimento das “vítimas” e projectam-se na resistência das “heroínas”. O título tenta ultrapassar esta dicotomia considerando que todas as narradoras são *Heroínas* porque sobreviveram à guerra e têm coragem de narrar as suas histórias, o que é verdade porque este livro permite exegeses menos polarizadas.

Muitas *Heroínas* recusam o discurso da vitimização e a guerra parece ter sido uma

“ Este livro fala da guerra, do desespero e da desilusão das sobreviventes, mas também do amor à vida debaixo de um céu coberto de pólvora ”

oportunidade, sobretudo para as combatentes: «durante a vida militar não sofri nenhuma discriminação da parte dos homens, militares como eu, nem dos superiores ou subalternos. Graças ao meu empenho e à minha coragem demonstrada em combates, ganhei o curso de comunicação em Luanda e agora tenho um cargo de direcção». Pelo contrário, há outras que usando uma retórica feminista acusam as estruturas militares: «A discriminação existe em todo o lado, mas é no exército que se faz sentir com maior intensidade. O mun-

do das armas foi sempre o santuário dos homens. Eles defendem-no. Até parece que têm medo que as mulheres penetrem».

Outras recordam com nostalgia o tempo da guerra: «A vida nas matas era dura, mas as pessoas eram mais humanas e a solidariedade era maior. Nas negociações de paz, quando registaram os desmobilizados escreveram apenas os homens e nos disseram que fomos incluídas nos grupos sociais das mulheres vulneráveis. Sinto-me magoada, traída». Nestes casos as mulheres participaram ao lado dos homens nos combates. «Enquanto estávamos na guerrilha éramos todos iguais e éramos úteis. Hoje, os meus antigos subordinados passam por mim em bons carros, realizados, porque são homens, a guerra terminou e nos ignoram».

Este livro fala da guerra, do desespero e da desilusão das sobreviventes, mas também do amor à vida debaixo de um céu coberto de pólvora. Ao dar voz a estas *Heroínas sem Nome* esta obra mostra as mulheres angolanas como uma forte e criativa comunidade unida por um sofrimento partilhado. Uma obra inspiradora contra o esquecimento que ilumina uma comunidade de mulheres sobreviventes a lutar pela paz social, por uma cidadania mais igualitária, por uma maior virtude cívica e renovação social, utilizando as armas da emancipação feminina, do conhecimento, do empreendedorismo, do associativismo e da solidariedade social. Estas mulheres dizem através das suas práticas e dos seus discursos que não aceitam ser secundarizadas nessa grande narrativa colectiva que é a construção da nação. Nesta óptica este livro de memórias é um livro político. 

O Livro da Paz da mulher angolana, As heroínas sem nome

Dya Kasembe e Paulina Chiziane (entrevistadoras)

Editorial Nzila, Luanda 2009